

MASCULINIDADES NEGRAS NAS ESCOLAS: entre a disputa e a segregação

Paulo Melgaço da Silva Junior¹
Leandro da Conceição Borges²

Resumo: O objetivo central desta pesquisa é investigar em que medida adolescentes negros moradores de uma periferia urbana coconstroem suas masculinidades e como, ao mesmo tempo em que são segregados pelo sistema escolar, estão em constante disputa em busca de autoafirmação, a partir de um modelo de homem negro legitimado e reconhecido socialmente. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo para conhecer a história de vida e a trajetória escolar de três jovens negros estudantes de uma escola pública de Duque de Caxias, na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Para gerar os dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação do cotidiano escolar. A partir das conversas e da análise das falas dos alunos, concluiu-se que há dois climas distintos no processo de construção das masculinidades negras na escola: o primeiro foi o sentimento de que há uma disputa entre as múltiplas possibilidades de masculinidades. O outro sentimento perceptível foi o de segregação.

Palavras-chave: Masculinidades negras. Cotidiano escolar. Adolescentes negros. Segregação.

BLACK MASCULINITIES IN SCHOOLS: between dispute and segregation

Abstract: The main objective of this research is to investigate the extent to which black adolescents living in an urban periphery co-construct their masculinities and how, while being segregated by the school system, they are in constant dispute in search of self-affirmation, based on a model of a black man who is socially legitimized and recognized. To this end, a qualitative study was conducted to learn about the life history and school trajectory of three young black students from a public school in Duque de Caxias, in the metropolitan region of the state of Rio de Janeiro. To generate the data, semi-structured interviews and observation of daily school life were conducted. Based on the conversations and analysis of the students' statements, it was concluded that there are two distinct climates in the process of constructing black masculinities at school: the first was the feeling that there is a dispute between the multiple possibilities of masculinities. The other perceptible feeling was that of segregation.

Keywords: Black masculinities. Everyday school life. Black adolescents. Segregation.

MASCULINIDADES NEGRAS EM LAS ESCUELAS: entre la disputa y la segregación

Resumen: El objetivo central de esta investigación es investigar en qué medida los adolescentes negros que viven en una periferia urbana construyen su masculinidad y cómo, al mismo tiempo que son segregados por el sistema escolar, se encuentran en constante disputa en busca de la autoafirmación, a partir de un modelo de hombre negro legitimado y reconocido socialmente. Para ello, se realizó un

¹ Pós-doutor e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor na Escola Estadual de Dança Maria Olenewa (pertencente ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro) e professor no Programa de Pós-graduação em Ensino das Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: pmelgaco@uol.com.br.

² Bibliotecário pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pedagogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Mestre em Ciência da Informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: leandrocb@ufmg.br.

estudio cualitativo para conocer la historia de vida y la trayectoria escolar de tres jóvenes negros estudiantes de una escuela pública de Duque de Caxias, en la región metropolitana del estado de Río de Janeiro. Para generar los datos, se realizaron entrevistas semiestructuradas y observaciones de la vida cotidiana escolar. A partir de las conversaciones y del análisis de las declaraciones de los alumnos, se concluyó que existen dos climas distintos en el proceso de construcción de las masculinidades negras en la escuela: el primero era la sensación de que existe una disputa entre las múltiples posibilidades de masculinidades. El otro sentimiento perceptible era el de segregación.

Palabras clave: Masculinidades negras. Vida escolar cotidiana. Adolescentes negros. Segregación.

Introdução

O objetivo central desta pesquisa é investigar em que medida adolescentes negros, moradores de uma periferia urbana coconstroem suas masculinidades e como elas, ao mesmo tempo em que são segregadas pelo sistema escolar, estão em constante disputa em busca de se autoafirmar a partir de um modelo de homem negro, legitimado e reconhecido socialmente. Estudos como os de Oliveira (2022), Pinho (2022, 2024), Melo (2022), Messeder, França e Lima (2022), Silva Junior e Melgaço (2020), e Silva Junior e Borges (2018) entendem que é preciso conhecer estes jovens, ouvir suas histórias, para se pensar no desenvolvimento de políticas públicas educacionais e de saúde para esta parcela da população.

Baseando-se nessas referências teóricas, a pesquisa explora os problemas enfrentados por jovens negros do sexo masculino no sistema escolar do município de Duque de Caxias e questões que afetam as identidades dos mesmos como sujeitos sociais. Como justificativa, destacam-se os estudos de Carvalho (2003, 2004) e Messeder, França e Lima (2022) os quais enfatizam o fracasso escolar e a sua ligação aos marcadores de gênero e raça, sendo os meninos negros retratados como tendo o pior desempenho escolar. Para reforçar esta assertiva, recorre-se a Guigliani (2019) que pesquisou como a construção social das masculinidades racializadas condiciona o percurso escolar de jovens estudantes negros em uma escola pública na Bahia. Segundo a autora, os homens negros têm o pior desempenho entre os grupos de raça e gênero nas escolas. Ressalta-se que a mesma constatação é apresentada por Carvalho (2003, 2004) quase vinte anos antes.

Somado a isto, Artes (2021) ao verificar a evasão escolar durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, constatou que os meninos negros e os alunos com deficiência foram os mais afetados. Por outro lado, Hiromi e Gois (2019) com base em dados do Instituto Nacional

de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, atestou que meninos negros têm as maiores taxas de evasão e reprovação, com uma significativa distorção idade-série no 6^a ano. Por fim, Melo (2022) afirma que a repetência e a evasão escolar desses jovens negros é algo frequente, sendo naturalizado pelos professores.

Em linhas gerais, a presente pesquisa enfatiza a importância de refletir sobre o papel da escola na trajetória, evasão escolar e coconstrução da identidade sexual de jovens negros do sexo masculino. Como forma de entender esse fenômeno, realizou-se entrevistas com três jovens negros que apresentaram as suas experiências enquanto homens e sujeitos envolvidos nas perspectivas das masculinidades negras e do cotidiano escolar em uma periferia urbana. O conceito de masculinidade é discutido no texto como uma construção social influenciada pelas relações de poder e sujeita a mudanças ao longo da história e da cultura (Pinho, 2022; Oliveira, 2022).

Traçadas as discussões iniciais, este artigo está dividido da seguinte forma: “periferia e juventude negra” que evidencia um retrato de como as periferias urbanas são constituídas e os seus principais agentes, pessoas negras, ajudam a moldar e compor essas localidades. Em “masculinidades negras e interseccionalidades” são destacados os atravessamentos que envolvem as duas temáticas. “Entre a escola e a segregação: entendendo a construção das masculinidades no ambiente escolar” pauta o início da conversa com os jovens negros que foram entrevistados nesta pesquisa. “Ser homem e ser homem negro” relaciona os diálogos dos jovens negros com os referenciais teóricos sobre masculinidades. “Para não concluir: as disputas e segregações das masculinidades negras na escola” busca apresentar as considerações finais da pesquisa. E, por fim, as referências utilizadas no estudo.

Periferia e juventude negra

A periferia, suas histórias, agentes, entre outras questões, tendem a ser negligenciados pelo poder público, porém esses retratos aos poucos são evidenciados em pesquisas científicas. É relevante ressaltar que Gomes e Silva (2017), Silva *et al.* (2012), Chimin Junior (2009) destacam que o espaço é um elemento fundamental para compreender a vulnerabilidade dos meninos negros e que as desigualdades das cidades acabam por tirar destes jovens algumas possibilidades de ascensão. Neste sentido, Gomes e Silva (2017) apresentam a periferia urbana

como um espaço que se faz e desfaz constantemente de relações específicas, a partir das interseções de idade, raça, gênero e atravessamentos simultâneos por múltiplas escalas.

Silva Junior e Borges (2018) ao refletirem sobre as periferias urbanas, indicam que é preciso entender e conhecer as suas vivências e interações, pois muitas vezes esses espaços apresentam vulnerabilidades e desigualdades sociais em que a realidade busca cercar as possibilidades da população que ali vivem. Esses constituintes ajudam a criar e transformar a cultura periférica. Compreender como essa cultura é tratada no contexto escolar é fundamental para analisar como as questões das periferias vêm sendo abordadas.

Cabe considerar que a realidade da comunidade nas instituições educacionais também consiste em avaliar o impacto da vida cotidiana da juventude em relação à educação. Com isso, torna-se necessário incorporar outras dimensões na prática pedagógica, pois é preciso levar e refletir o ambiente escolar extramuros da escola, possibilitando a mediação entre os conteúdos pedagógicos e o conhecimento formulado na vida diária dos alunos.

Neste sentido, conforme já apresentado em Borges e Silva Junior (2022), Santos (2021), em muitos contextos, a juventude é visualizada por meio de um recorte etário, sem considerar as características de construção social e cultural da pessoa. O autor defende que a juventude não envolve apenas uma fase ou idade, mas integra também outras características como classe social, etnia, gênero, entre outras questões sociais e sociológicas (Santos, 2021). Por este caminho, Rocha (2006) destaca que essa fase é definida dos 15 aos 24 anos, assim como para a UNESCO (2004). A agência, no entanto, salienta que isso pode variar em cada localidade do mundo, sendo a juventude considerada uma categoria fluida e mutável. É importante destacar que aspectos políticos, sociais, econômicos, faz com que as formas de vivências da juventude seja diferente entre os adolescentes, indicando assim a existência de diversas juventudes ao invés de juventude no singular.

Por este caminho, pensar juventudes, também significa pensar na adolescência. De acordo com Salles (1998), trata-se de um período composto por inquietações por parte dos jovens devido a aspectos biológicos, algo que tem relação com o caráter universal e natural que acontece dos 10 aos 24 anos. Neste texto, entende-se que os termos jovens e adolescentes como correlatos, que implicam em sujeitos nesta faixa etária, que vivenciam momentos de sua juventude racializada.

Assim, ao refletir, em sua pesquisa, sobre adolescentes, Silva Junior e Borges (2018) analisaram que a juventude negra são as que possuem maior dificuldade de acesso a bens culturais e as que possuem a renda mais baixa, além de serem os mais expostos à violência urbana. Em linhas gerais, a violência pode ser considerada um fator que afasta o jovem negro periférico do sistema escolar. Logo, convém pensar que além da violência que acomete esses jovens,

[...] há o racismo que mata, operando diretamente na letalidade contra negros, por meio de um processo atávico de desumanização, que imprime uma imagem estereotipada do negro como perigoso, como pobre e bandido. É assim que, no Rio de Janeiro, jovens negros morreram por cometerem o crime de portar furadeira, guarda-chuva e até saco de pipoca (Cerqueira; Bueno, 2023, p. 56).

Bento e Beghin (2005) corroboram com este olhar trazendo que esses jovens, além de serem as maiores vítimas da violência urbana, homicídios e ações excessivas dos policiais, são os que compõem os menores salários no mercado trabalho. Neste sentido, Borges e Silva Junior (2022, p. 48) atentam que “todos esses dados reforçam um quadro mais grave e amplo de racismo estrutural na sociedade, que busca a manutenção da população negra nas bases da pirâmide social, infligindo a ela, ainda hoje, a exclusão, o preconceito e a desigualdade”. Com isso, Messeder, França e Lima (2022, p. 175) corroboram afirmando que “é necessário investir fortemente na análise das lógicas de opressão do sexismo, do racismo, e da desigualdade de classe... e ater-nos também a lógica opressora da heteronormatividade”.

Esses atravessamentos são importantes para se entender a complexidade que permeia a realidade dos moradores de periferia. Tais fatos apresentados, ainda que de forma breve, quando observados na perspectiva macro, permite pensar em interseccionalidades. Pelo viés micro, ao centralizar as discussões no homem negro periférico, se faz necessário falar de masculinidades negras. Esses pontos serão abordados na próxima seção deste estudo.

Masculinidades negras e interseccionalidades

Anteriormente, trouxemos as discussões sobre escolaridade e aspectos gerais da juventude negra. A partir destes aportes, entende-se que o homem negro e periférico é uma das maiores vítimas da violência urbana e do processo de evasão escolar, entre outras questões no

seu entorno que podem ser problematizadas e debatidas. Assim, a proposta central desta seção é refletir sobre as masculinidades negras.

Os primeiros estudos sobre masculinidades, voltados para o homem branco e heterossexual, começaram a ganhar força a partir de 1970 (Viveros Vigoya, 2018). Segundo a autora, as masculinidades são construídas socialmente e situadas em relação a normas e valores, mesmo que as rejeitem. Entende-se que a masculinidade é desenvolvida por meio de experiências coletivas, de mitos, testes e provas que são respondidos publicamente para determinar se um homem é ou não homem.

O conceito de "masculinidade hegemônica" foi cunhado por Connell (1995) para descrever o modelo que é considerado como o ideal a ser seguido. Essa possibilidade de masculinidade está associada ao homem branco, cristão, heterossexual e de classe alta. Com isso, a racionalidade, o gosto pelo esporte e o uso da violência são características relacionadas a esse padrão normativo de masculinidade. Tal modelo acaba por categorizar e avaliar todos os homens, inclusive aqueles que questionam as normas ou não podem aderir a elas subjetivamente (Viveros Vigoya, 2018).

Em resumo, a masculinidade é uma construção social que envolve a criação de regras e discursos que disciplinam os corpos masculinos. Existem múltiplas formas de masculinidade que coexistem na sociedade, mas a hegemônica é o formato considerado como ideal. Essa construção de masculinidade ocorre em oposição à feminilidade e é baseada na heteronormatividade.

Assim, ao refletir sobre masculinidades negras, Connell (1995, 2000) visualiza a questão sendo frequentemente observada como subordinada e contrária ao modelo hegemônico de masculinidade, sendo, portanto, baseada na força e na emoção, sem a precisão da racionalidade do homem branco. Ainda assim, são demonstrados nos estudos de Oliveira (2022), Silva Junior e Borges (2018), Sousa (2022), entre outros, que alguns homens negros buscam afirmar sua superioridade dentro de uma estrutura falocêntrica.

Ao considerar masculinidades como comunidades de pertencimento e que elas precisam ser vistas de maneira interseccional³, Pinho (2022) e Silva Junior (2022) entendem que

³ Em 1989, Kimberlé Crenshaw deu um significado concreto ao termo "interseccionalidade", descrevendo-a como a interação de múltiplos eixos de subordinação, como racismo, patriarcado e opressão de classe, que criam

historicamente homens negros foram hipersexualizados ou feminizados de acordo com os critérios impostos pelos colonizadores, como forma de dominação. Com isso, há a exaltação da força sexual como símbolo de poder, redefinindo a concepção das masculinidades negras. Tal fato levou homens negros a assimilarem os mitos que os desumanizavam, transmitindo a imagem de força, orgulho e superioridade em relação aos homens brancos (Silva Junior, 2022).

Assim, Pinho (2024) destaca que a dimensão relacional é central para a abordagem de processos sociais que envolvem a (re)produção de padrões de desigualdade, subjetividade e violência. A própria posicionalidade negra, ou a invenção estruturada da negritude, é fundamentalmente construída na interação entre diferentes atores sociais. Nesse sentido, ao entender que a masculinidade como tecida no encontro de alteridades, a depender do lugar social dos sujeitos envolvidos, pode gerar padronização e hierarquização das diferentes formas de masculinidades existentes (Silva Junior, 2022). Essa construção ocorre em oposição à feminilidade, por exemplo, sendo a heteronormatividade a matriz central dos desdobramentos.

É relevante destacar que no Brasil, de acordo com Pinho (2004), o movimento social negro acabou por construir um masculinismo negro com pressuposição de uma identidade negra que é masculina/ cisheteronormativa baseada no modelo cis/heterossexual branco, sem levar em conta as relações de poder exercidas pelo branco. Assim, heterossexualidade e a masculinidade se tornam obrigações institucionais no processo de construção e valorização do patriarcado e do poder masculino. Dessa maneira, são criadas diversas redes e discursos que apresentam o sexo biológico, a masculinidade e a heterossexualidade como naturais.

Neste aspecto, Pinho (2004), Oliveira (2022) e Sousa (2022) denunciam este modelo de masculinidade negra, pois, ela é prejudicial tanto para a sociedade como para o próprio homem negro. Além de ser tóxica e não aceitar no público outras expressões de sexualidades, ele se torna violento e acaba por não valorizar caminhos possíveis, como o dos estudos e engajamentos sociais.

desigualdades sociais para as minorias (Borges; Silva Junior, 2022). Com isso, Kyrillos (2020) informa que a interseccionalidade é um conceito que ganhou destaque nos debates acadêmicos e estudos no Brasil, sendo a sua teoria vista como uma ferramenta analítica capaz de lidar com diferentes formas de opressão simultânea, proporcionando uma análise mais complexa das interseções entre os processos discriminatórios. Portanto, ao utilizar essa abordagem, é possível entender as condições específicas que surgem a partir dessas interseções.

Assim, Oliveira (2022) argumenta que mesmo nos relacionamentos homoafetivos, espera-se que os homens negros sejam ativos, enquanto os homens de pele mais clara desempenhem o papel passivo. Essas expectativas interferem no processo de afirmação da identidade sexual dos homens negros, que são forçados a adotar uma postura viril. Logo, entende-se que a marginalidade sexual dos homens negros é resultado das hierarquias raciais, que negam o controle sobre os seus próprios corpos. Essas hierarquias também contribuem para a objetificação desses homens como apetrechos de desejo.

Em ambientes *gays*, existe um estereótipo de masculinidade negra que combina o "negro grande" e o "homem negro de alma branca", sendo que este último deseja se integrar à sociedade branca, mas muitas vezes é ridicularizado por ela. Com isso, esses mesmos homossexuais também reproduzem a opressão, rejeitando a companhia de pessoas que expressam comportamentos considerados efeminados (Oliveira, 2022).

Por um outro viés, a masculinidade negra é uma discussão que apresenta desafios (Barreto, 2022), pois considera as relações históricas que influenciam a forma de como ser homem e negro é percebido em uma sociedade colonial e patriarcal. Silva Junior (2022) considera que é importante reconhecer a complexidade das masculinidades negras na contemporaneidade e como a desconstrução de estereótipos limitam a diversidade e perpetuam a discriminação. Em linhas gerais, é preciso questionar de forma constante que tipo de homem negro se quer ser e como é possível construir alternativas que desafiem os estereótipos sexistas e racistas (Barreto, 2022).

Portanto, ao trazer a complexidade envolvida no entendimento das masculinidades negras, Barreto (2022, p. 194) evidencia também que as multiplicidades acerca das mesmas “[...] não podem ser resumidas a estereótipos e representações racistas sobre o homem negro e nem a reivindicação de uma masculinidade patriarcal supremacista branca por parte destes”, ou seja, a partir deste princípio entende-se que muitos homens negros acreditavam que a masculinidade e a autoridade do homem sobre as mulheres eram essenciais para sua libertação. Assim, Silva Junior (2022) ao apresentar a construção da masculinidade negra ao longo dos anos, destaca que ela foi desqualificada socialmente, estereotipada como fracassada e incapaz, sujeita à violência física e simbólica.

Nas palavras de Pinho (2022) há uma fenomenologia necropolítica das masculinidades

racializadas que foi desenhada pelo olhar penetrante de Franz Fanon que a define como uma condição de impossibilidade o lugar estrutural do sujeito, em meio a uma suspensão ou transe entre a morte social e a hipersexualidade. Neste aspecto, defende-se a importância da escola, como primeiro espaço social, fora do seio familiar, para assim problematizar, desnaturalizar estas visões de masculinidades negras para que no futuro possamos ter homens negros outros, melhores, capazes de mover a sociedade.

Foi com este intuito que esta pesquisa foi à escola, buscando conhecer a história de vida de três jovens negros, suas trajetórias escolares e como estão coconstruindo suas masculinidades e sexualidades, objetivando, apresentar elementos reais que ajudem a reivindicar políticas e discussões em torno do tema.

Entre a escola e a segregação: entendendo a construção das masculinidades no ambiente escolar

Como nosso foco é a escola, nesta seção vamos discutir como o ambiente escolar recebe estes jovens negros. Propusemos realizar uma pesquisa qualitativa com alunos negros do sexo masculino, com defasagem idade/série e que performassem diferentes possibilidades de masculinidades no ambiente escolar.

A Escola⁴ escolhida para o desenvolvimento do estudo está localizada no 2º distrito de um município de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro. A escolha dos três jovens Jerson, Otavio e Victor⁵ se deu a partir das observações cotidianas de um dos autores.

Suas performances e seus discursos sobre masculinidades eram tematizadas por professores/as e alunas/os nos corredores da escola e serviam como maneira de autoafirmação para cada um deles. Obviamente que cada um ao seu modo, conforme descreveremos abaixo.

Neste momento, abre-se parênteses para ressaltar que as identidades de gênero e masculinidades são coconstruídas em grupo, ou seja, cada um destes estudantes realiza suas

⁴É relevante ressaltar que um dos autores leciona nesta Escola há aproximadamente 23 anos. Normalmente, como professor de Artes plásticas na educação básica, acompanha a trajetória de diversas turmas do 6º ao 9º ano. Portanto, tem a oportunidade de conhecer melhor os/as alunos/as e seus responsáveis. No caso específico destes três rapazes, o professor/pesquisador os conhece desde 2018. Fato que facilita a conversa e cria uma determinada relação de confiança. Acreditamos que esta relação permite que os rapazes contem momentos/ passagens de suas vidas que não contariam a outros/as pesquisador/a.

⁵ Todos nomes fictícios.

performances para a comunidade escolar e será a partir desta audiência que eles irão reforçar ou não determinados aspectos deste processo de construção. Com isso, o que nos interessou nestes jovens foi a diferença das performances para se afirmarem enquanto homens e ao mesmo tempo a semelhança no processo de escolarização de homens negros. Ressaltamos que eles estudam na mesma turma.

É relevante destacar que Duque de Caxias possui Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) anos finais do ensino fundamental (2021) de 4,1, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nesta perspectiva, observa-se que o fluxo e a adequação idade/série integram os critérios de avaliação do IDEB. Assim, um município com alto de repetência perde notas neste processo classificatório.

Para tentar corrigir o fluxo educacional e consequentemente aumentar o IDEB do município, a Secretaria Municipal de Educação (SME) criou em 2023 uma série de turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) diurnas. Logo, adolescentes com distorção idade/série iriam imediatamente para as turmas recém-abertas. É relevante frisar que este pode ser considerado um dos primeiros processos de segregação escolar, pois, estes alunos e alunas não seriam mais contados nos processos avaliativos que definem o IDEB do município, escamoteando velhos problemas e podendo aumentar o índice.

Para corroborar com a assertiva acima, perguntamos para alguns professores/as se houve um planejamento, uma formação continuada para a realização desta proposta, ao que todos foram unânimes em dizer que “não”. Ao mesmo tempo, cabe a ressalva que não houve uma pesquisa interseccionando raça, gênero no processo de deslocamento e formação das turmas. Ainda assim, em um rápido olhar nesta turma de EJA desta escola, podemos perceber que há um quantitativo considerável de alunos negros, sendo em sua maioria do sexo masculino⁶. Em uma sala com 32 alunos/as, 23 são do sexo masculino, corroborando com a pesquisa de Hiromi e Gois (2019) e Giugliani (2019) que informam que a maior parte da distorção idade/série se encontra entre os meninos.

Este fato motivou o desenvolvimento de um estudo específico com estes rapazes que possuíam em comum a distorção idade/série, a raça, e ao mesmo tempo vivenciavam diferentes

⁶ Apesar de não termos realizado uma pesquisa quantitativa na época, um dos autores era professor do município e transitava entre diversas escolas da rede no momento.

nuances de masculinidades. Para escrita deste artigo, a proposta inicial era um grupo focal como realizado por Silva Junior e Borges (2018), com aproximadamente cinco estudantes. Dois declinaram. Já os três restantes, Victor e Jerson não aceitaram participar junto com Otavio, justificando que ele “desmunhecava” muito e eles, principalmente o segundo, não se sentiriam à vontade ao lado dele.

A fala dos dois jovens vem ao encontro do posicionamento de Oliveira (2022) quando destaca a hierarquização das masculinidades e como aqueles homens negros heterossexuais não se veem junto com homossexuais, principalmente efeminados. Assim, após algumas conversas e negociações, optamos por entrevistas gravadas que posteriormente seriam transcritas pelos autores deste artigo.

As entrevistas semiestruturadas, realizadas com três estudantes, ocorreram separadamente no dia 30 de maio de 2024, na sala da orientação educacional da Escola e tiveram a duração de aproximadamente 30 minutos cada. O questionário com as perguntas foi organizado de maneira que nos permitisse conversar sobre a trajetória educacional de cada um, seus entendimentos em relação à defasagem idade/série e as reprovações ao longo do percurso, assim como, interessou saber como eles se percebiam e se posicionavam como homens racializados.

Desta forma, organizamos 4 questões iniciais:

1 - Como se deu sua trajetória escolar?

2 - Como você percebe a sua defasagem escolar, qual o motivo de suas reprovações?

Você relaciona tais reprovações à dificuldade de aprender o material ou ao comportamento?

3 - O que é ser homem para você, e ser homem negro?

4 - Quais cobranças, expectativas para homens negros sobre namoro, esportes, sexualidades e relação com a polícia você identifica na sua experiência?

Destacamos que de posse das perguntas iniciais, o desenvolvimento da conversa aconteceu de acordo com cada adolescente e com seu interesse em responder de forma longa ou rápida.

Assim, a partir deste roteiro iniciamos as conversas e deixamos os jovens se posicionarem livremente. A proximidade com o entrevistador pode ter colaborado para que eles

conversassem sem inibição, respondendo e comentando todas as questões.

É importante lembrar que, a partir do aceite, a equipe diretiva foi comunicada, assim como os responsáveis dos mesmos que autorizaram a realização deste trabalho, com as condições de sigilo e não identificação dos participantes.

Ao longo da entrevista, Jerson nos conta que entrou para esta Escola em 2011 com 4 anos de idade. As diversas repetições começaram a acontecer no processo de alfabetização e na pandemia da COVID-19, quando cursava o 6º ano. Ele não conseguiu acompanhar as aulas, pouco realizou as atividades em casa, tendo sido reprovado nos dois anos seguintes.

O mesmo aconteceu com Otavio que ingressou na escola na pré-escola. No período da pandemia estava no 5º ano do ensino fundamental 1 e também não realizou as atividades remotas, sendo reprovado nos dois anos subsequentes. Em 2022, conseguiu terminar o 5º ano com grandes dificuldades de alfabetização. Victor é um ano mais novo do que os dois, mas apresenta uma trajetória escolar semelhante aos mesmos, ou seja, marcada por reprovações e abandonos.

Conforme Artes (2021) nos mostrou a pandemia COVID-19 contribuiu para o atraso da trajetória escolar principalmente de meninos negros e pobres, sem acesso à tecnologia e apoio direto da família, que precisava continuar trabalhar para garantir o sustento. Ainda de acordo com Artes (2021), os meninos negros que acabaram não realizando as atividades remotas ou não frequentaram as aulas ocasionando reprovações e atraso na trajetória.

É relevante destacar que os três alunos entrevistados foram transferidos para turmas de EJA em 2023, cursando a etapa correspondente ao 6º e 7º anos. Atualmente, estão cursando no primeiro semestre, o 8º ano. Em relação as disciplinas que possuíam mais dificuldades, os três foram unânimes em destacar a matemática como a pior.

Aqui, se tomarmos como parâmetro o modelo masculino hegemônico branco como racional (Connell, 2000), estes adolescentes acabam por se afastar das regras. Conforme Carvalho (2003, 2004) já alertava há 20 anos, em um recorte de gênero e raça, não existe uma expectativa por parte da escola de que estes alunos sejam capazes de apreender determinados conteúdos. Assim, sem expectativas não pode haver investimentos na aprendizagem.

Sobre as experiências na escola, Otavio contou que sempre era colocado para fora das aulas de inglês e história, pois os professores diziam que ele *“falava e brincava demais nas*

aulas, atrapalhando os demais colegas de turma”. O aluno se autodeclara como “brincalhão e escandaloso em excesso”. Segundo ele, “não faz para chamar a atenção, mas reconhece que é exagerado”. Este fato faz com que alguns professores não tenham paciência com ele, “nem minha mãe tem”. Ele conta que já ouviu de um tio que “preto, desmunhecado, escandaloso, não consegue nada na vida. Podia até ser bicha, mas muito desmunhecado não daria certo”.

Com os colegas, no cotidiano escolar, Otavio é muito próximo das meninas e dificilmente é visto junto com os rapazes, principalmente com os negros. Ele é considerado bastante “escandaloso” pelos colegas, sendo alvo de diversas reclamações dos seus gritos e afirmam que ele é muito efeminado. Sua figura desestabiliza os padrões heteronormativos, principalmente os estereótipos que são esperados para um homem negro. Ele canta, dança, rebola, fala alto e chama a atenção por onde passa.

Silva Junior (2014) e Oliveira (2022) nos mostra a dificuldade que adolescentes negros efeminados enfrentam nas escolas. Por não atenderem às expectativas de comportamento relacionadas ao masculino, eles acabam sofrendo dupla exclusão, seja por parte dos professores/as, que os classificam como indisciplinados, seja por parte dos/das colegas de classe.

Essa visão pode ser reforçada durante os conselhos de classe ou reunião de professores/as, cujas falas que circulam sobre este aluno remetem diretamente à sua sexualidade, ao desejo de ser mulher e, com isso, ele acaba por desestabilizar o ambiente, provocando os outros garotos e exagerando na feminilidade. Essa situação instiga pensar em analogias, da masculinidade representada por estereótipos (Pinho, 2022; Sousa, 2022; Silva Junior, 2014, 2022), apagando outras possibilidades de construção desta identidade e principalmente diminuindo as expectativas em relação a sua capacidade de participação nas aulas e de uma possível aprendizagem.

Relacionar homens negros à força e à prática de esportes é uma possibilidade de definir a masculinidade negra (Connell, 2000; Silva Junior, 2014; Silva Junior; Borges, 2018). É o caso de Jerson que é bastante alto e forte para sua idade.

Ele se destaca nas atividades físicas, sendo um dos melhores jogadores de futebol e queimada da escola. Normalmente, nas competições, lidera o time da EJA e escolhe os integrantes. É bastante querido pelos colegas, com sorriso fácil e sempre está nas rodas com as

meninas e meninos. É bastante competitivo e solícito nas atividades que exigem força.

No dia de nossa conversa, por exemplo, a diretora pediu que ele ajudasse na montagem de uns armários. Ele prontamente disse que sim. Sobre o cotidiano escolar, ele nos diz: *“professor eu não gosto de estudar, não entendo as matérias e não sei nem como perguntar... nas aulas fico na minha, não faço bagunça, nem fico de conversa”*. Apesar desta afirmativa a ficha de ocorrência de Jerson possui diversas anotações, principalmente briga com colegas, ou discussões que tumultuam as aulas. Na verdade, nas interações cotidianas, ele busca resolver os problemas utilizando sua força física. Esta é uma das maneiras de se impor sobre os colegas, de mostrar superior aos outros rapazes.

Victor é o mais retinto dos três. Apesar de mais novo, é o que aparenta mais idade, é o mais alto, possui um corpo forte e com músculos aparentes, com um sorriso aberto e fácil. Segundo alguns professores/as é muito educado e sabe cativar as pessoas com seu jeito de ser. Trabalha com o avô como auxiliar de pedreiro e outros biscates. É muito faltoso na escola, porque sempre prioriza os serviços que aparecem.

Sobre a escola ele nos conta que *“eu venho aqui porque quero terminar meus estudos... então eu fico bem com todo mundo e ninguém reclama de mim”*. De fato, nos conselhos de classe os/as professores/as ressaltam que apesar das faltas e do desinteresse pelos estudos ele é um *gentleman*.

No quesito socialização com os colegas e professores/as ele é oposto do Jerson. Enquanto o primeiro faz questão de ressaltar sua força física e suas habilidades com o corpo, Victor procura o diálogo, as vezes que está na escola, sempre tem uma palavra, uma justificativa para todo e qualquer problema.

Duas questões na apresentação de Victor merecem ser levadas em consideração: a primeira é a forma como ele se porta na escola. Seu sorriso, sua capacidade de conquistar as pessoas, fazendo com que seja considerado um cavalheiro pelos/as professores/as, são atributos que se distanciam do que é esperado para o masculino negro nas escolas (Carvalho, 2003, 2004; Silva Junior; Borges, 2018). Com isso, ele não é considerado uma ameaça à ordem da sala de aula. Um olhar nas anotações em sua ficha escolar podemos verificar que ao contrário dos outros dois rapazes, não existe registro de ocorrências como ser colocado para fora da sala de aula ou suspensão de aulas.

A segunda questão é a naturalização de suas faltas. Ele se reconhece como faltoso, os/as professores/as também reconhecem, mas não há uma preocupação em mudar esse quadro. De acordo com Melo (2022) o desinteresse dos jovens negros pela escola, suas faltas e consequentemente o abandono ou a reprovação acontece com tanta frequência que já está naturalizado no cotidiano escolar.

Ser homem e ser homem negro

Um dos tópicos de entrevista foi o que é ser homem para estes jovens e se eles percebiam as diferenças raciais, ou seja, ser homem negro. Para Jerson “*ser homem é possuir pênis, ter responsabilidade, gostar de mulher, saber cuidar da mulher, respeitar.... não sair fazendo besteiras pela rua, ser trabalhador, gostar de esportes*”.

Victor disse que “*ser homem é ter liberdade, poder fazer o que quiser. É ter que trabalhar, ser responsável, cumprir com os deveres*”. Já Otavio lembra que “*ser homem não pode estar ligado à forma de como a gente nasce... ser homem é como você se comporta, como trata as pessoas, sua responsabilidade*”.

Como podemos perceber, os três jovens apresentam diferentes visões de ser homem. O primeiro, Jerson, busca aliar a masculinidade ao modelo hegemônico (Connell, 2000; Viveros Vigoya, 2018) destacando o gosto pelos esportes, a heterossexualidade e ao mundo do trabalho. Otavio já busca mostrar outras possibilidades de ser homem (Sousa, 2022) tentando desvincular dos aspectos biologizantes e trazendo a ideia de masculinidade como construção social que acontece a partir da relação com o outro (Connell, 2000, 2016; Silva Junior, 2014; Viveros Vigoya, 2018).

Ainda é relevante destacar, que Jerson trouxe a ideia do pênis para definir o que é ser homem. De fato, uma simples observação das performances deste aluno no cotidiano escolar, podemos perceber que seus movimentos e gestos como se coçar, se apertar sempre indicam a presença do pênis como reforço de sua masculinidade. Como Silva Junior (2014) e Oliveira (2022) nos mostram, os adolescentes negros se apresentam como superiores aos outros garotos por meio de sua sexualidade. Assim, ao destacar o pênis como pré-requisito para ser homem, ao fazer questão de apresentá-lo em suas performances, o adolescente está reafirmando a sua masculinidade.

Esta percepção fica mais clara quando o rapaz intersecciona masculinidade e raça. Jerson, sorrindo diz que, se o homem for negro “*o negão tem força e que é quando falam de sexo, sempre acham que somos melhores que os brancos. E somos né?*”. Podemos notar nesta fala a hipersexualização do homem negro, observando que os rapazes trouxeram a ideia do negão para a entrevista. Silva Junior e Borges (2018) afirmam que para os jovens pesquisados por eles, o termo negão está associado à força, ao poder e ao tamanho do pênis do homem negro, ou seja, aquele que está pronto para o ato sexual, assim como para utilizar a força bruta a todo momento.

Por outro lado, Otavio mostra como a utilização do termo negão pode ser prejudicial no processo de construção de masculinidades outras. Segundo o adolescente, ele sempre escuta a fala “*um negão desse viado... Como se preto não pudesse ser bicha...mas tem muita, viu? Só ir na quadrilha⁷ que você vê aos montes*”.

De fato, a ideia da bicha preta acaba por desestabilizar a construção do negão (Silva Junior, 2014; Silva Junior; Borges, 2018; Oliveira, 2018). Conforme Messeder, França e Lima (2022) e Sousa (2022) afirmam, a masculinidade negra foi construída se apropriando do discurso cis/hetero patriarcal branco, buscando reforçar suas vantagens a partir da potência de sua sexualidade, tornando uma masculinidade tóxica, com dificuldades de perceber outras formas de masculinidades. Neste contexto, Messeder, França e Lima (2022), Pinho (2004) e Silva Junior e Borges (2018) mostram que no espaço público homens negros podem ser agressivos e até chegar à violência física com aqueles que não performam este modelo de masculinidade.

Porém é importante frisar que existe uma diferença entre os espaços público e privado, no que se diz respeito a vivenciar as sexualidades. Jerson afirma que já ficou com algumas meninas na escola e da comunidade. Sua iniciação sexual foi aos 14 anos com uma menina do bairro. No entanto, admite que já “*comeu*” alguns gays, no sapatinho⁸. Defende que foi ativo e que ganhou uma “*moral*”⁹. Com essa assertiva, podemos verificar que no privado e recebendo presentes ou dinheiro este modelo de homem negro pode se relacionar com outros homens sem afetar a sua masculinidade (Silva Junior; Borges, 2018; Sousa, 2022).

⁷Dança apresentada em festas juninas.

⁸No sigilo.

⁹Dinheiro.

Embora não tenha a mesma preocupação de Jerson ao afirmar sua heterossexualidade, Victor diz abertamente na turma que já namorou meninas, entre as quais uma menina transsexual, e já saiu com *gays*. Na entrevista afirmou: *“temos muito desejo e sexo é vida é energia”*. Aqui temos um modelo bem mais fluído de masculinidade negra.

Assim, percebemos diferentes formas de construção de masculinidade negra, porém elas nos parecem hierarquizadas e de difícil comunicação no espaço escolar, principalmente se levarmos em consideração os posicionamentos de Jerson e Otavio.

Para confirmar esta assertiva, destacamos que a proposta inicial desta pesquisa era trabalhar com a metodologia de Roda de Conversa (grupo focal) com os três adolescentes. No entanto, Jerson não aceitou, justificando que não gostaria de *“conversar sobre estes assuntos”* com Otavio do lado. Jerson defende que respeita, mas não *“gosta e não anda”* com meninos *gays* na escola. Para o mesmo *“eles querem aparecer, chamar a atenção”*.

Realmente, uma observação do cotidiano escolar, reforça a assertiva de Oliveira (2022) e podemos perceber que o primeiro pouco fala com o segundo, e se sente claramente incomodado com determinadas brincadeiras e formas de se posicionar do segundo. Assim, deixando uma disputa por hierarquia onde a heterossexualidade se sobrepõe sobre a homossexualidade (Pinho, 2004; Messeder; França; Lima, 2022; Oliveira, 2022).

Por outro lado, neste processo de comparação, Jerson destaca como ponto negativo a diferença de como a sociedade vê este homem negro: *“tudo para gente é mais complicado, a polícia sempre nos para na rua. As pessoas sempre acham que somos bandidos. Andando por Caxias já senti muita gente levantando o vidro ou travando a porta do carro quando estava passando”*. A fala retrata a consciência da vulnerabilidade social a que estão expostos (Cerqueira; Bueno, 2023, Viveiros Vigoya, 2018), seja, o medo que possuem da polícia que deveria protegê-los ou o medo que a sociedade possui deles. Nos dois casos, os colocando sempre como alvo da violência e estigmatização exacerbada. Os três foram unânicos em dizer que não andam sem documento de identidade, com medo de ações truculentas da polícia.

Para não concluir: as disputas e segregações das masculinidades negras na escola

A questão que esteve implícita ao longo do texto era em que medida as masculinidades negras estão sendo coconstruídas no cotidiano escolar e como estes adolescentes são percebidos

como alunos neste universo. Para tal, foi realizado um estudo qualitativo com três jovens que se autodeclararam negros e são moradores de Duque de Caxias. Apoiamo-nos na história de vida como metodologia de pesquisa. Entrevistamos os adolescentes, em um clima amigável e descontraído, tendo em vista que um dos pesquisadores era professor deles há alguns anos.

A partir das conversas e análises das falas podemos perceber que existem dois climas distintos no processo de construção das masculinidades: o primeiro foi a percepção de que existe uma disputa entre as múltiplas possibilidades de masculinidades, na qual existe a primazia da heterossexual. A outra percepção foi a de segregação.

A primeira percepção permite crer que aquele garoto que vivencia o discurso da masculinidade heterossexual, que utiliza a força bruta para o trabalho, se destaca nos esportes, se autointitula como negão se vê como superior aos outros rapazes tanto negros quanto não negros. O mesmo acontece, em relação aos rapazes não negros heterossexuais, a superioridade se encontra no discurso da estrutura falocêntrica.

Contudo, é interessante observar estes dois modelos de masculinidades negras vivenciados pelos adolescentes, buscam não manter contato com o rapaz efeminado, uma vez que provavelmente se sente desestabilizado. Assim, podemos verificar uma disputa por valorização das masculinidades negras naquele ambiente. Rapazes negros disputam entre si, qual é o modelo aceitável de masculinidade e rechaçam aquela que consideram inferior.

Com base na segunda percepção, ou seja, a segregação, entende-se que estes alunos estão entregues à própria sorte na escola. O cenário de dificuldades de aprendizagem, de expulsão da sala de aula, de notas baixas, sendo um processo que é naturalizado tanto entre eles quanto com os/as professores/as.

A política de correção de fluxo utilizada pela SME de criação de EJAs diurnos para abrigá-los não vem se mostrando eficiente. Em linhas gerais, não houve preocupação com o planejamento, fato que apenas contribuiu para que os três não fossem computados nos dados do IDEB.

Uma das questões centrais para o desenvolvimento da população negra de uma maneira geral e dos homens negros em específico é a criação de políticas educacionais, de gênero, saúde, sexualidades a partir das suas necessidades. Neste sentido, a questão que se coloca em debate é a falta de políticas públicas que realmente atendam estes jovens, os fazendo compreender o

verdadeiro sentido da escola e da aprendizagem. Ao mesmo tempo é necessária a discussão de como eles se imaginam como homens negros do amanhã, sendo conscientes e capazes de somar no mundo em que estão inseridos. Por outro lado, também vislumbramos que novas ações na formação inicial e continuada de professores, para além de uma educação antirracista, também aborde de forma propositiva a quebra de estereótipos, expectativas e visões essencializadas sobre o homem negro.

Referências

ARTES, A. Abandono escolar e a pandemia no Brasil: efeitos nas desigualdades escolares. **Educação escolar em tempos de pandemia**, São Paulo, n. 4, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/abandono-escolar-e-a-pandemia-no-brasil-efeitos-nas-desigualdades-escolares/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BARRETO, A. O. Masculinidade negra e colonização: ecos do passado no presente. **Kwanissa**, São Luís, v. 5, n. 12, p. 183-198, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/18608/186>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BENTO, M. A. S.; BEGHIN, N. Juventude negra e exclusão radical. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, Brasília, DF, n. 11, p. 194-197, 2005. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4583/1/bps_n.11_juventudeENSAIO4_Maria11.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

BORGES, L. C.; SILVA JUNIOR, P. M. Juventude negra e webnamoro: as percepções de adolescentes negros de regiões periféricas do Rio de Janeiro. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 58-63, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/81679/49405>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARVALHO, M. P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p.247-290, 2004.

CARVALHO, M. P. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003.

CERQUEIRA, D; BUENO, S. Atlas da violência 2023. Brasília, DF: IPEA; 2023.

CHIMIN JUNIOR, A. B. O espaço como componente da vulnerabilidade dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei para a conduta infracional. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n.1, p. 41-53, jan./jul.2009. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1191/899>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CONNELL, R. W. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, R. W. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./ dez. 1995.

CONNELL, R. W. **The men and the boys**. Berkley: The University of California Press, 2000.

GOMES, F. B.; SILVA, J. M. Necropolíticas espaciais e juventude masculina: a relação entre a violência homicida e a vitimização de jovens negros pobres do sexo masculino. **GeoUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 703 - 717, 2017.

GIUGLIANI, B. **O abandono de jovens negros no ensino médio**: um estudo interdisciplinar na escola pública no município de São Félix (Bahia). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/40885900/O_ABANDONO_DOS_JOVENS_HOMENS_NEGRO_S_NO_ENSINO_MEDIO_Tese_de_Doutorado20191109_127399_txjv15. Acesso em: 12 jul. 2023.

HIROMI, F.; GOIS, A. Evasão maior entre meninos requer atenção. **Aprendizagem em foco**, São Paulo, n. 56, p. 1-4, out. 2019. Disponível em: https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Aprendizagem_em_foco-n.56.pdf. Acesso em: 12 jun. 2024.

KYRILLOS, G. M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 1-12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMRDkHJtkTsRzPzWTH4Zj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MELO, W. Masculinidades negras e educação: entre passados e futuros. In: CAMILO, V.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). **Masculinidades negras**: novos debates ganhando forma. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 2022. p.135-148.

MESSEDER, S.A; FRANÇA, E, S. C.; LIMA, M.N.M. “Daí, não se ensina direito”: narrativas com/sobre rapazes negros para uma educação libertadora. In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). **De guri a cabra macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022. p.174- 189.

OLIVEIRA, M. G. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). **De guri a cabra macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022. p.127 -145. 1ª reimpressão

PINHO, O. A guerra dos mundos homossexuais: resistências e contra-hegemonia de raça e gênero. In: RIOS, L.P. et al. (org.) **Homossexualidade, produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PINHO, O. O sacrifício de Orfeu: masculinidades negras no contexto da antinegritude em Salvador. In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). **De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022. p.146-173.

PINHO, O. Masculinidades negras e antinegritude. In: ALMEIDA, H. B.; HENNING, C. E. (org.). **Desafios e resistências em gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo**. Goiânia: Cegraf UFG, 2024. p. 358- 385

ROCHA, M. C. Juventude: apostando no presente. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100011. Acesso em: 10 jun. 2022.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano**: um discurso contrastante entre o genérico e o particular. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SANTOS, A. O que é juventude? **Café com Sociologia**, [S. l.], 05 mar. 2021. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/juventude/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, J. *et al.* Espaço, masculinidades e adolescentes em conflito coma lei. **Geo UERJ**, v. 1, n. 23, p. 136 - 166, 2012.

SILVA JUNIOR, P. M. Masculinidades negras em disputa: um olhar sob masculinidades, raça e classe social no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 5, n. 16, p. 43-69, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/13648/11501>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA JUNIOR, P. M. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares**: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA JUNIOR, P. M.; BORGES, L. C. Adolescentes negros moradores das periferias urbanas do Rio de Janeiro: entre escola, gênero, masculinidades, raça, violência e vivências. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 03-21, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11888/pdf3>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA JUNIOR, P. M.; MELGAÇO, M. P. “Bigodinfinito, cabelin na régua”: o corte de cabelo “na régua” na construção das subjetividades de jovens negros. **Revista Textura**, Canoas, v. 22, n. 50, p.309-329, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5339/3727>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SOUSA, D. Constrangendo pela raça: homens negros gays na trama do genocídio e das

masculinidades. In: CAMILO, V.; SILVA JUNIOR, P.M (org.). **Masculinidades negras:** novos debates ganhando forma. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. p.55- 76.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes.** Brasília, DF: UNESCO, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VIVEROS VIGOYA, M. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018.

Submetido em: 27/11/2024

Aceito em: 04/09/2025

Citações e referências
conforme normas da:

